

LETRAMENTO E REIFICAÇÃO DA ESCRITA

Anderson de Carvalho Pereira

**LETRAMENTO E
REIFICAÇÃO DA
ESCRITA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Anderson de Carvalho

Letramento e reificação da escrita / Anderson de Carvalho Pereira.

– Campinas, SP : Mercado de Letras, 2011.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-211-9

1. Análise do discurso 2. Comunicação escrita 3. Crítica literária
4. Ensaaios literários 5. Identidade social 6. Letramento 7. Linguagem
– Aquisição 8. Literatura oral 9. Narrativa (Retórica) 10. Oralidade
11. Psicolinguística 12. Sociolinguística I. Título.

11-12617

CDD-401.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Letramento e reificação da escrita : Psicolinguística 401.9

Capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

Preparação de originais e revisão: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© **MERCADO DE LETRAS[®] EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.**

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

NOVEMBRO/2011

IMPRESSÃO DIGITAL

– IMPRESSO NO BRASIL –

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Agradeço especialmente ao apoio da Professora Leda Verdiani Tfouni, que orientou meus trabalhos de monografia de bacharelado, Mestrado e Doutorado. “Professora” (sic.) e parceira de pesquisa, tem lugar nesta publicação, por meio do prefácio e do diálogo sempre rico, de que resulta em parte como legado, o formato deste livro. A este agradecimento soma-se o agradecimento à assessoria da FAPESP, que por meio da concessão de bolsa de pesquisa permitiu a realização desta pesquisa por meio de dedicação exclusiva.

Sumário

Prefácio

Escrita: aprisionamento e liberdade	9
<i>Leda Verdiani Tfouni</i>	

Apresentação	13
------------------------	----

Introdução	15
----------------------	----

Capítulo I

Sujeito da escrita e sujeito do letramento: a polissemia em torno ao significante “escrita”	21
--	----

Capítulo II

Teorias da escrita e do letramento e seus lugares de enunciação	49
--	----

Capítulo III

Sujeito jurídico e discurso científico: uma escrita? .	71
--	----

Capítulo IV

Letramento e reificação da escrita	89
--	----

Capítulo V

Algumas implicações do processo de reificação da escrita	121
---	-----

Considerações Finais	143
--------------------------------	-----

Referências	149
-----------------------	-----

Prefácio

Escrita: aprisionamento e liberdade

Que poder é esse que a escrita exerce sobre a sociedade, a ponto de servir de base para quase todas as suas atividades? Por que as sociedades letradas são consideradas “superiores”? E a gradativa extinção do saber oral, o desaparecimento das práticas baseadas na oralidade, as perdas irreparáveis que disso advêm, quem se (pre)ocupa com isso? Estas são as questões basilares que Anderson de Carvalho Pereira coloca e procura equacionar neste precioso livro que tenho a satisfação de apresentar.

Assumindo um gesto típico de interpretação autoral, o autor faz a sua busca por respostas dentro do reconhecimento de uma contradição fundamental: ele próprio, enquanto sujeito, está aprisionado pelas malhas e armadilhas da escrita. Não há um lugar disponível para escrever sobre sua ausência. É necessário aceitar que, ao mesmo tempo em que aprisiona, a escrita liberta, visto que, sem ela, não seria possível tomá-la como objeto de pesquisa.

Comenta o autor:

Em concordância com essa afirmação, procurei argumentar, neste trabalho, como a escri-

ta determina o sujeito, por um processo de reificação. Essa argumentação me instigava, pela maneira de problematizar o poderio de um instrumento do qual faço uso cotidiano. Trata-se de um desafio que, no caso, provocou-me a estudar o processo de reificação da escrita, para entender esse poderio do sujeito letrado e alfabetizado.

Surge aí, então, a palavra-chave, o significantemestre norteador do texto: reificação. Reside, aí, também, o caráter de novidade e ineditismo desta obra.

Qual um arqueólogo dedicado em busca de vestígios que comprovem suas dúvidas, o livro parte para elaborar a resposta à questão, iniciada pela expressão de uma dúvida:

Mesmo instalada num estatuto de reificação, a escrita se mostra através de um processo inacabado, atravessada pela incompletude da linguagem e, assim, pela oralidade, em que tal incompletude se torna mais visível. Essa relação entre a reificação e a incompletude do processo que a envolve levanta o cerne da questão: a relação entre sujeito e interpretação.

Nessa escavação tortuosa, o leitor se depara com uma construção teórica sólida, sustentada por argumentos bastante convincentes, retirados de uma vasta, extensa, bibliografia, e uma discussão coesa e convincente na qual retoma questões talvez até já desgastadas, como a teoria da grande divisa, dando-lhes um enfoque inusitado. Do mesmo modo, novos aportes teóricos acrescentam facetas e pontos de vista até inesperados, sendo este o aspecto que define a originalidade da obra.

A inquietação própria do cientista criativo, não paradigmático, marca o texto, e o coloca em movimento, fato este inscrito no próprio texto, a partir do momento em que o autor enuncia, em retroação:

Partindo da problemática do uso da escrita pelo discurso científico, mostrei como ele mesmo, enquanto formação discursiva altamente letrada pode sofrer rupturas e ter desmantelado esse disfarce da escrita como arma simbólica. Como visto, argumentei através de significantes caros à minha argumentação: processo e reificação.

Portanto, é disso que se trata: mostrar que o processo de reificação da escrita nas sociedades modernas, que a transforma em verdadeira arma simbólica, deve-se ao fato de que ela serve de sustentação para o discurso da ciência régia. No contraponto, o trabalho argumenta, adotando o ponto de vista das teorias do discurso e do letramento, que esse lugar fetichizado pode sofrer rupturas, sob o efeito da interpretação, parente próxima da contradição. Sem maniqueísmo, sem tentar colocar a escrita como vilã, o livro defende a posição de que é necessário sempre desafiar e duvidar desse fetichismo, visto que é disso que é feito o movimento dos sentidos.

O resultado é uma leitura prazerosa, advinda do estilo elegante do autor, mas, sobretudo obrigatória para pensadores e interessados em geral nas ciências humanas e na decifração do enigma criado pelo poder da escrita.

Leda Verdiani Tfouni

Ribeirão Preto, 11 de abril de 2011

Apresentação

Este estudo mostra como a dicotomia entre oral e escrita, tão incidente e insidiosa nas práticas com letramento e alfabetização, principalmente, está fincada basicamente num tripé: na concepção de escrita veiculada e teorias científicas por meio de seus efeitos discursivos dominantes; na cooptação da separação entre oral e escrita; por fim, na relação que tal dicotomia mantém com a dicotomia entre pensamento e linguagem, atributo máximo do sujeito psicológico, do paradigma galileano de ciência e do objetivismo abstrato e do subjetivismo idealista nos estudos da linguagem, relação esta fundamentada em diversos autores: Pêcheux, Haroche, Henry, Ginzburg, Mikhail Bakhtin. Para isto, o ponto de partida é a análise do discurso científico organizador de múltiplas concepções acerca do oral e da escrita, o que configura uma contradição entre sua heterogeneidade enunciativa e o modo monolítico por que tal discurso se apresenta para firmar esta dicotomia. Ao se basear em disciplinas indiciárias - Análise do Discurso francesa (AD) e a teoria do letramento, principalmente proposta por Tfouni – este trabalho mostra que tal heterogenei-

dade se encaixa em generalidades, que apontam particularidades diversas. A saber, tais generalidades fortalecem a associação da escrita ao desenvolvimento cognitivo e intelectual e ao progresso social. Para mostrar o avesso dessas concepções, fundamentadas na divisão entre oral e escrita, temos o conceito de letramento, entendido como processo sócio-histórico. Essa discussão é levada a efeito, aqui, pela análise de um *corpus* formado por estas diversas teorias e permite traçar bases para se iniciar uma discussão sobre o processo de reificação da escrita, entendido como um dos mecanismos discursivos pelos quais a escrita se mostra como "arma simbólica". Desta forma, este trabalho mostra que a concepção de escrita baseada na divisa entre formas orais e escritas se organiza pelas próprias condições de produção do discurso científico.

Introdução

Como tratar da escrita? Na perspectiva discursiva aqui adotada, uma vez que considero seu poder político sob influência da ideologia melhor perguntar: como tratar do discurso da escrita? Tomando por base os referenciais da Análise do Discurso pêcheutiana (AD), é assim que este trabalho analisa o processo de reificação da escrita.

Segundo Malidier (2003), a AD é uma disciplina interessada, sobretudo, na contradição. Fundamenta-se, principalmente, na releitura de Marx feita por Althusser, na releitura de Saussure acerca do conceito de estrutura da língua e em algumas contribuições da noção de sujeito em Foucault; por fim, é atravessada por uma teoria de subjetividade de orientação lacaniana.

De acordo com seu maior expoente – Pêcheux (1988) – todo dizer está marcado pelo recalque sócio-histórico inerente ao ato de enunciar (recalque ideológico). Assim, analisar o que deixou de ser dito tem sempre uma implicação à memória do dizer, à maneira pela qual a História intervém nos processos semânticos da língua, ocultando o que

poderia ser dito de diversas outras maneiras, mas deixando ao sujeito pelo menos um lugar na enunciação.

Desta maneira, o autor coloca que não há linguagem sem sujeito, nem este sem ideologia. Da interdição à possibilidade de interpretação em lugares deslocados do efeito ideológico, o sujeito caminha sob um mecanismo insidioso, que é da ilusão de que pode escapar à ideologia. Dentro deste mecanismo, considero que “a escrita” – tomada como objeto de estudo, à maneira científica – faz parte de um dos mecanismos de poder desta relação entre sujeito e linguagem.

Com enfoque nestes pressupostos, este trabalho procura analisar de que forma teorias sobre a escrita alimentam-se deste mecanismo insidioso da ideologia, o de fazer crer na transparência da linguagem. Seu efeito é de unidade, já que atua no que estas teorias dizem sobre a escrita. Soma-se a isto, que ao tentarem defini-la, fazem uso de um tipo de escrita que não é qualquer, porque cooptada pelo discurso científico, em que a unidade do conhecimento é imperativa de verdade.

Aprofundando-me nas fundamentações teóricas deste trabalho e adentrando o ponto de partida dessas questões iniciais, é preciso mencionar a perspectiva discursiva de letramento de Tfouni (1988, 1992, 2001, 2004, 2005, 2006). Esta autora mostra em seus estudos sobre letramento, como este efeito de unidade ilude o sujeito, como se ele pudesse olhar o próprio dizer “de fora”, o que fortalece o poderio simbólico da escrita.

Fundamentando-me nesses trabalhos, aqui discuto de que maneira esse lugar “de fora” sustenta um processo de ilusão de que a escrita pode ser

tomada como objeto de estudo isolado ao sujeito, o que, quando se trata do discurso científico, limita as possibilidades de usos e definições da escrita a um único lugar (dentre vários possíveis) de o sujeito ocupar na linguagem. Este enredamento do sujeito “pelo” e “no” discurso da escrita é aqui denominado processo de reificação da escrita.

Ao mesmo tempo interessa mostrar outro lado da questão. Afinal, o sujeito não está apenas determinado pela ideologia. Devemos assim considerá-lo pelos deslizamentos metafóricos que lhe permitem, dentro do próprio discurso científico, emergir por rupturas, o que dá mostras de uma combinatória para a qual não há regras.

Tais rupturas são aqui apontadas, principalmente através da nomeação “letramento”, tal como marcada por alguns teóricos no discurso científico. A nomeação letramento consegue provocar algumas rupturas no patamar de dominância do discurso científico sobre a escrita. Isto ocorre a partir da relação tortuosa que o sujeito mantém com o que deixou de ser dito (memória discursiva), a despeito de uma Formação Discursiva (FD) quase totalmente coincidente às condições de produção do discurso científico.

Resumindo as questões que percorrem este trabalho, de antemão, pergunto: o que é calado na memória e que naturaliza determinados efeitos de dominância das teorias dominantes sobre a escrita configurando um processo de dominância que se afunila no seu processo de reificação?

Guiando-me por esta questão, neste livro analiso algumas teorias científicas que versam sobre o objeto “escrita”. Isto é efeito a partir da consideração de suas condições de produção, o discurso

científico e a relação deste com o interdiscurso. Por interdiscurso, Pêcheux (1993, p. 162) entende o “todo complexo com dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”.

O predomínio dessa simbolização da escrita faz retomar a “consciência” do discurso científico, a qual não admite uma escrita imbuída dos imprevistos do jogo de sentidos, ou das limitações da interpretação. Diretamente ligado ao efeito de verdade que a crença em sua abstração proporciona ao indivíduo, o discurso científico dominante procura somente atestar a descrição e os usos de uma escrita vestida de assepsia e linear em sua função comunicativa.

Contrariamente a isto, este trabalho chama a atenção para o fato de que essa abstração, verdadeira “arma simbólica” (Tfouni, *op.cit.*), é algo decorrente de mecanismos ideológicos camuflados pelo próprio discurso científico. E que podem ser vistos, em parte, pelo fulcro de um processo imaginário, aqui denominado processo de reificação da escrita.

Assim, a saber, no primeiro capítulo, analisei várias teorias sobre o oral e a escrita, presentes no discurso científico. Esta materialidade discursiva (entenda *corpus* de análise) apontou os lugares da memória discursiva que sustentam este efeito de verdade do paradigma científico galileano sobre a definição de um objeto.

Em concordância ao paradigma epistemológico da AD, não tive o propósito de chegar a uma generalização sobre a relação entre ciência e escrita, mas discutir os efeitos de dominância da escrita, detectados pela maneira do discurso científico pro-

vocar efeitos de sentidos relacionados ao significante “escrita”; ou seja, por tentar fazer Um com as definições da escrita, baseadas no seu modelo autônomo (conferir Street 1989), que recalcam as teorias do letramento.

No segundo capítulo, por sua vez, veremos de que maneira as teorias do letramento, como é o caso da proposta de letramento de Tfouni (*op.cit.*) vão ao encontro da proximidade da escrita às práticas cotidianas de linguagem. A ruptura à ciência dominante se instala pelo efeito da nomeação letramento, o que também não impedem efeitos de retorno das teorias da divisa (assim denominadas porque operam uma radical separação entre oral e escrita).

O desalinhar de lugares da memória comprometidos a este efeito de dominância é levado à mostra no terceiro capítulo; seja, por meio de uma discussão que envolve a determinação do sujeito, seja pela discussão que envolve a tentativa de controle pelo indivíduo de um objeto científico.

No quarto capítulo, por fim, revisito alguns lugares de evidência ideológica da escrita, e, principalmente a ambivalência que quero mostrar ligada à questão de paradigmas científicos antagônicos nos estudos da linguagem. Adiante, isto leva a uma consideração teórica a respeito do processo de reificação da escrita, que não pretende se portar por meio de uma definição formal. Há neste capítulo uma escansão da definição marxista de reificação à concepção discursiva envolvida à escrita.

Para finalizar esta discussão, no quinto capítulo, considere oportuno apontar algumas implicações deste processo de reificação, como no caso da contribuição do discurso pedagógico escolar (DPE,

no sentido de Orlandi 1987) em sua sustentação. É o jogo posto entre a repetição das definições sobre a escrita e a ilusão de uma teoria “mais neutra”, tal que cumpra a promessa de uma otimização da tecnologia da escrita, utilizando-se por isto, de uma suposta maior clareza para descrever “a escrita” que faz do DPE um nicho fértil para tal processo.

Por se tratar de um processo, sua escrita se mostra pelas várias direções de um caminho sobre a relação entre linguagem e a condição de intérprete do sujeito, atravessada por este objeto, “a escrita”.

Enfim, concorde à AD, este trabalho é um efeito de leitura, de interpretação, a partir da análise da “escrita” veiculada no discurso científico. Mesmo com seu efeito de unidade e de saturação, este trabalho pretende abrir a oportunidade de conduzir uma discussão sem a pretensão esgotá-la.